

Esta é uma obra indispensável a todos os bibliotecários biomédicos, aos estudantes de Medicina, aos professores dessa matéria e àqueles que nas escolas de Biblioteconomia lecionam bibliografia de ciências biomédicas.

ANTÔNIO AGENOR BRIQUET DE LEMOS
Departamento de Biblioteconomia — Universidade de Brasília

PAINTER, Ann F., ed. Classification: theory and practice. In: **Drexel Library Quarterly** 10 (4) :1-120, Oct. 1974. (Este fascículo contém 8 artigos.)

A classificação não parece constituir o lado forte da Biblioteconomia norte-americana. Para prová-lo bastaria lembrar o uso insistente e persistente, quase avassalador, de dois dinossauros da classificação bibliográfica: a Classificação da Library of Congress (LC) e a Classificação de Dewey (CD). Mais ainda. O hábito inveterado de confundir os princípios fundamentais da classificação com as possibilidades e limitações destes dois sistemas levou os bibliotecários americanos a uma tomada de posição que se pode chamar de histórica: o abandono quase total do catálogo sistemático em favor do catálogo dicionário. A partir de então, o que se esperava de um sistema de classificação não poderia ir muito além da localização dos livros nas estantes. A tudo isso se juntou a miragem do computador. Entenda-se. Os serviços prestados pelo computador à Biblioteconomia são realmente muito importantes. Negá-lo seria falta de objetividade e até de bom senso. Mas parece miragem o que muitos, hoje, indevidamente, insistem em esperar do computador.

De qualquer sorte, a Biblioteconomia nos EUA não parece (ou não parecia) empenhada, como a inglesa, em buscar no aprofundamento dos princípios básicos da classificação bibliográfica a solução segura para os graves problemas da recuperação da informação. Como bem observa Gordon Stevenson, no artigo inserido no volume que agora apresentamos ao público brasileiro (p. 13), a Biblioteconomia americana, a partir de certa data, convenceu-se de que nada tinha que aprender de outros povos e só tinha o que ensinar. No entanto, em matéria de classificação bibliográfica ficou paralisada em CD e LC. O internacionalismo que emergiu da Conferência de Paris, em 1961, relacionado com a catalogação descritiva, não atingiu o setor de classificação. A moderna teoria das classificações facetadas, vigorosamente iniciada por Ranganathan e brilhantemente continuada pelo Classification Research Group de Londres, quase não encontrou eco entre os bibliotecários americanos.

Causa, por isso, agradável surpresa a leitura do nº 4, do volume 10, de outubro de 1974, da revista americana **Drexel Library Quarterly**, todo consagrado ao estudo da classificação, ou mais exatamente, da classificação nos Estados Unidos. Temos que ressaltar, logo de início, a lucidez com que são abordados os vários aspectos do problema.

O artigo intitulado "The Future of Classification" traz a seguinte consideração: vinte anos atrás a classificação poderia ser considerada apenas um grande exercício intelectual, sem nenhum outro valor além deste; hoje, com a extensão do acesso imediato à informação, com o reconhecimento da interdependência das várias disciplinas, a classificação passa a ser vista de maneira bem diferente. O artigo dedicado à CDU, da autoria de Hans Wellisch chega à seguinte conclusão: agora que a euforia inicial da década de 60, relativa ao uso do computador na recuperação da informação já se desfez e o entusiasmo pelos tesouros foi substituído por um sóbrio reconhecimento das exigências na construção e utilização deste como de outros instrumentos de recuperação da informação — sendo que todos dependem em última análise dos princípios básicos da classificação — há lugar para uma nova apreciação dos sistemas de classificação existentes. Entre estes destaca-se a CDU, por muitos declarada morta e sepultada mas que, segundo o autor, tem papel importante a desempenhar no desdobramento futuro de uma linguagem documentária realmente universal e internacional. Também o artigo intitulado "Traditional Classification: Characteristics, Uses and Problems" é muito elucidativo do processo de deterioração da classificação no ambiente americano.

Em síntese: o volume é rico em informações muito úteis também para os bibliotecários brasileiros. Para estes a maior vantagem, creio, na leitura do presente volume pode ser a tomada de consciência do que se pode, com muita razão, chamar de mimetismo cultural. O abandono das classificações, que em alguns ambientes biblioteconômicos brasileiros se tem verificado nestes últimos anos, é apenas um fenômeno de imitação. A meditação do volume que ora apresentamos ao público brasileiro pode servir de corretivo salutar para estes desvios.

ASTÉRIO CAMPOS

Departamento de Biblioteconomia — Universidade de Brasília